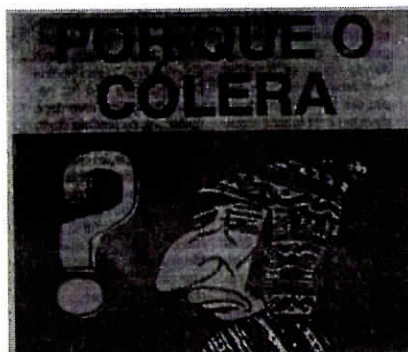

O CÓLERA, A CÓLERA

Joffre Marcondes de Rezende¹



Conta-se que em uma reunião sobre a recente epidemia de cólera, os seus participantes passaram a maior parte do tempo discutindo se deviam dizer “o cólera” ou “a cólera”. *Se non è vero è ben trovato.*

A palavra cólera, em português, tanto exprime o sentimento de ira, raiva, fúria, quanto designa a doença produzida pelo vibrião colérico. Na primeira acepção a palavra é feminina; na segunda, o gênero tem sido motivo de interminável controvérsia.

Na primeira acepção, a palavra cólera tem sua raiz etimológica no grego *kholé, es, bile*, através do latim *cholera*, pois se acreditava, conforme a doutrina da patologia humoral que norteou o pensamento médico por mais de dois milênios, que o excesso de bile no organismo tornava a pessoa de mau humor, irascível, donde os adjetivos colérico, encolerizado e bilioso.

Na *Iliada*, o grande poema épico de Homero que narra a guerra de Tróia, já se encontram referências ao vínculo entre a bile (*kholé*) e a cólera

¹ Professor Emérito da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Goiás.
Recebido para publicação em 24/06/97.

(orge), no sentido de ira, como neste trecho: "O filho de Peleu, transido de dor, hesitou se (...) mataria o Átrida, ou se acalmaria a sua bile e conteria a sua cólera" (Canto I), ou nesta outra passagem: "Decerto que Aquiles não tem bile no coração, ele deixa fazer de tudo" (Canto II) (1).

Embora a maioria dos léxicos indique o mesmo étimo para *cólera*, no sentido de ira, e *cólera*, doença, o nome da doença aparentemente não se vincula à bile. Três outros étimos têm sido admitidos. São eles:

1. Do grego *kholás, ádos*, intestinos (2);
2. Do grego *kholédra, as*, calha para escoamento de águas (3,4);
3. Do hebraico *choli-ra*, doença terrível (5).

É importante mencionar que o termo *kholéra* já existia como tal no grego clássico e foi usado por Hipócrates para designar o estado mórbido caracterizado por diarreia intensa, vômitos e desidratação. Em sua obra *Epidemias*, livro V, encontramos a seguinte descrição:

Em Atenas, um homem foi acometido de cólera; ele tanto vomitava como evacuava; ele sofria; nem os vômitos nem as evacuações podiam ser detidas; a voz estava débil; ele não podia sair do leito; os olhos baços e escavados; ele tinha espasmos provenientes do ventre e soluços; as evacuações alvinas eram muito mais abundantes que os vômitos (6).

Observe-se a caracterização das fezes como "alvinas" e não amarelas ou biliósas.

Celsus (25 a.C.-50 d.C.), o grande enciclopedista da medicina latina, também utilizou o termo no mesmo sentido dado por Hipócrates, referindo-se à chamada *cholera nostras*, de aparecimento esporádico (7).

A primeira descrição da doença com caráter epidêmico, embora na maioria das obras de referência seja atribuída a Garcia da Orta (8,9), na verdade se deve a Gaspar Correia, em sua clássica obra *Lendas da Índia*, e se refere à epidemia que grassou em Goa, em 1543. Garcia da Orta certamente presenciara essa mesma epidemia, o que lhe permitiu descrever um caso grave e os sintomas da doença a que os nativos chamavam de *morxi* e os colonos portugueses de *mordexi* (10).

A denominação de *cólera asiático* se deve à epidemia que se iniciou na Índia em 1814 e estendeu-se por toda a Europa com vários surtos entre 1830 e 1879 (11). Sua natureza contagiosa e transmissão pela água foi sugerida por Parkin, em 1832 (12), e demonstrada na Inglaterra por John Snow em 1849 (11), antes, portanto, da descoberta do vibrião colérico por Koch em 1884.

Em latim, que era a língua utilizada em comunicações científicas até o século XVIII, a doença de caráter epidêmico era chamada *cholera morbus*, de que resultou *cólera morbo* em português. Com a tendência natural de simplificação da linguagem, a doença passou a ser designada apenas por *cólera*, sem o qualificativo *morbo*, o qual, no entanto,

permaneceu oculto no gênero masculino, como sugerem Silveira Bueno (13) e Cândido Jucá (Filho) (14).

O gênero da palavra *cólera*, doença, tem dividido as opiniões dos mais abalizados lingüistas e médicos. O mais intransigente defensor do gênero feminino foi Cândido de Figueiredo, eminente lexicógrafo que se preocupou com a terminologia médica.

Ao final do século passado e início do século XX manteve ele acesa polêmica pela imprensa, em Portugal e no Brasil, na defesa de seu ponto de vista. Chegava a ser agressivo com os que defendiam o gênero masculino para *cólera* (doença), que ele atribuía à influência francesa na linguagem médica. Seus argumentos e diatribes encontram-se reunidos em duas publicações: *A cólera-morbo* (15) e *Vícios da linguagem médica* (16). Eis algumas passagens coléricas de seus escritos:

(...) a França pela boca de alguns médicos e pela pena de vários jornalistas que se não preocupam com questões de linguagem, atirou cá para dentro com a beleza de o *cólera*; mas ainda estamos muito a tempo de o enjeitar. Portanto, guerra a o *cólera* como inimigo da língua portuguesa.

(...) o *cólera* foi provavelmente invenção de médico pouco letrado.

É certo que nenhum homem de letras aceita ou defende a moderna e errônea costureira de o *cólera*.

A *cólera* só existe nos corações desumanos e o *cólera* nos míseros inimigos da higiene.

(...) se eu fosse desumano não se me dava que a Providência brindasse com um ataque da *cólera* os míseros e mesquinhos que se envenenaram com... o *cólera*.

Eminentes filólogos como Leite de Vasconcelos (17) e médicos que se destacaram por sua cultura lingüística, como Ramiz Galvão (18) e Pedro Pinto (19) também optaram pelo gênero feminino para a palavra *cólera* (doença).

Os léxicos da língua portuguesa se dividem ao atribuir o gênero à palavra *cólera* (doença). Dão-lhe o gênero masculino Constâncio (1845), Eduardo de Faria (1856), Domingos Vieira (1871), Aulete (1881), Plácido Barbosa (1917), Nascentes (1961); adotam o gênero feminino Lacerda (1874), Laudelino Freire (1957), Silveira Bueno (1963), Mendes de Almeida (1981), Cegalla (1996); aceitam os dois gêneros Prado e Silva (1975), Aurélio Ferreira (1986) e o Vocabulário Ortográfico da Academia Brasileira de Letras (1981).

A maior justificativa para optar-se pelo gênero masculino seria de ordem semântica. A distinção entre duas acepções diferentes de uma mesma palavra pelo gênero gramatical é um fenômeno comum, que se observa não apenas na língua portuguesa, como em outros idiomas. Plácido Barbosa analisa detidamente o duplo gênero da palavra *cólera* e cita vários outros exemplos semelhantes, como o *cabeça* e a *cabeça*, o *capital* e a *capital*, o

cura e a cura, o guarda e a guarda, o lente e a lente etc. Tal recurso, diz ele, "não constitui erro, senão que é um processo natural pelo qual as línguas vivas evitam, nesses casos, a ambigüidade e a confusão" (20).

Em espanhol encontramos a diferenciação semântica da palavra cólera pelo gênero gramatical. Usa-se o feminino para o sentido de irritação, ira; e o masculino para a doença (21).

Em francês a distinção é feita não somente pelo gênero como pela morfologia e acento tônico da palavra. Escreve-se *colère*, feminino, para a aceção de irritação, ira; e *choléra*, masculino, para designar a doença (22).

Em italiano a diferenciação é também completa. Grafa-se *cóllera* (com duplo l, proparoxítono e feminino) para a aceção de irritação, ira; e *colera* (com um único l, paroxítono e masculino) para a doença (23).

Parece, pois, razoável e lógico admitir-se, também em português, o gênero masculino para a doença e o gênero feminino para o sentido comum de ira, raiva, fúria.

Nas publicações oficiais tem sido usado de preferência o gênero masculino. A figura que ilustra este artigo foi reproduzida de *Súmula 41*, publicação da Fundação Oswaldo Cruz, de abril de 1991, na qual foi noticiada a reativação da Comissão Nacional de Prevenção do Cólera, em virtude do reaparecimento da doença em caráter epidêmico, atingindo os países sul-americanos.

Em 1995 a Organização Mundial de Saúde registrou 212.650 casos de cólera em todo o mundo e em 1996 123.790, dos quais 85.809 na América Latina (24). No Brasil, em 1996, foram confirmados 883 casos de cólera, sendo 81 na região Norte e 802 na região Nordeste (25).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

01. Homero. *A Ilíada*. São Paulo: Publ. Europa-América Ltda., s.d.
02. Liddel, H.G. & Scott, R. *A greek-english lexicon*. 9.ed. Oxford: Clarendon Press, 1983.
03. Kraus, L.A. *Kritisch-etymologisches medicinisches Lexikon*. 3.ed. Göttingen: R. Deuerlich, 1844.
04. Littré, E. & Robin, Ch. *Dictionnaire de médecine, de chirurgie, de pharmacie et des sciences que s'y rapportent*. 13.ed. Paris: Baillière et fils, 1873.
05. Guttmann, W. *Medizinische terminologie*. 4.ed. Berlin: Urban & Schwarzenberg, 1911.
06. Hippocrate. *Oeuvres complètes*. Trad. Littré, Paris: Javal et Bourdeaux, 1932. t.II, p.49.
07. Celsus, A.C. *De Medicina*, livro IV.18.1-3. The Loeb Classical Library, Cambridge: Harvard University Press, 1971, t.I, p.420.
08. Skinner, Henry A. *The origin of medical terms*. 2.ed. Baltimore: Williams & Wilkins, 1961.
09. Marcovecchio, E. *Dizionario etimologico storico dei termini medici*. Firenze: Ed. Festina Lente, 1993.
10. Garcia da Orta. *Colóquios dos simples e drogas da India*. Edição dirigida e anotada pelo Conde de Ficalho. Lisboa: Imprensa Nacional, 1891, p. 255-276
11. Snow, J. *Mode of communication of cholera*. 2.ed. London, John Churchill, 1855. Segunda edição em língua portuguesa. São Paulo: Hucitec-Abrasco, 1990, p.69.

12. Parkin, J. *Suggestions respecting the cause, nature and treatment of cholera*. Lond. med. surg. J. 2: 151-153, 1832. *Apud* Morton, L. *A medical bibliography*. 4.ed. London: Gower, 1983.
13. Bueno, F.S. *Grande dicionário etimológico-prosódico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Ed. Saraiva, 1963.
14. Jucá C. (filho) *Dicionário das dificuldades da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: MEC, 1965.
15. Figueiredo, C. *A cólera-morbo*. Lisboa: Liv. Clássica Ed. A.M. Teixeira, 1911.
16. Figueiredo, C. *Vícios da linguagem médica*. 2.ed. Lisboa: Liv. Clássica Ed. A.M. Teixeira, 1922.
17. Vasconcelos, J. L. *Lições de filologia portuguesa*. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1959.
18. Galvão, B.F.R. *Vocabulário etimológico, orthographico e prosodico das palavras portuguesas derivadas da língua grega*. Rio de Janeiro: Liv. Francisco Alves, 1909.
19. Pinto, P.A. *Dicionário de termos médicos*. 8.ed. Rio de Janeiro: Ed. Científica, 1962.
20. Barbosa, P. *Dicionário de terminologia médica portuguesa*. Rio de Janeiro: Liv. Francisco Alves, 1917.
21. Real Academia Española. *Diccionario de la lengua española*. 19.ed. Madrid, 1970.
22. Robert, P. *Dictionnaire alphabétique et analogique de la langue française*. Paris: Le Robert, 1987.
23. Spinelli, V. & Casasanta, M. *Dizionario completo italiano-portoghese (brasiliano)*. Milano: Ed. Ulrico Hoepli, 1983.
24. Sanità Marittima Venezia. *Il colera nel mondo*. Internet: <http://www.portve.interbusiness.it/sanimav/colera.html>, 18 fev.1997.
25. Ministério da Saúde, Fundação Nacional de Saúde. *Indicadores de morbidade*, 1996. Internet: <http://www.ms.gov.br>.